
Da passividade à postura ativa: o que o ensino híbrido traz em favor da aprendizagem e aprimoramento do ensino médio.

João Volmei Guerra Spagnol¹
Lucilene Bender de Sousa²
Fernanda Schneider³

Resumo

O presente artigo resulta da proposta em estudar alternativas de mudança no formato das aulas expositivas predominantes em escolas públicas trazendo como opções os métodos relacionados ao ensino híbrido (CHRISTENSEN, 2013; HORN; STAKER, 2015; BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015). A combinação do ensino tradicional com o ensino on-line torna viável esse caminho para a educação, já empregada no Brasil e no mundo. A pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo partiu da questão norteadora sobre possíveis avanços que o emprego de ensino híbrido traz ao aluno ao colocá-lo na posição de protagonista na construção de seu conhecimento. Assim, pretendemos investigar caminhos para a sua aplicação no ensino médio em escolas públicas. Os modelos disruptivos trazem ações inovadoras em todos os sentidos, redesenhando o projeto, os espaços físicos e as metodologias. Porém, modelos sustentados preservam a sala de aula tradicional, que é potencializada pelo acréscimo de componentes tecnológicos e pela criatividade do professor. Para implementar um desses modelos é importante realizar um planejamento eficaz e considerar as características dos alunos, cultura escolar, dispositivos tecnológicos e instalações disponíveis.

Palavras chave: Escola Pública. Ensino híbrido. Ensino médio. Modelos de ensino-aprendizagem.

Abstract

The present article results from the proposal to study alternatives of change in the format of the predominant expository classes in public schools, bringing as options the methods related to hybrid teaching (CHRISTENSEN, 2013; HORN; STAKER, 2015; BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015). The combination of traditional teaching and on-line teaching makes this path possible for education, already employed in Brazil and in the world. The bibliographic research of qualitative character started from the guiding question about possible advances that the use of hybrid education brings to the student by placing him in the position of protagonist in the construction of his knowledge. Thus, we intend to investigate ways for its application in public high schools. Disruptive models bring innovative action in all directions, redesigning the project, physical spaces and methodologies. However, sustained models preserve the traditional classroom, which is enhanced by the addition of technological components and teacher creativity. To implement such a model it is important to make an effective planning and consider the characteristics of the students, school culture, technological devices and facilities available.

Keywords: Public school. Hybrid teaching. High school. Teaching-learning models.

¹ Especialista em Polícia Comunitária pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e Especialista em Ensino, Linguagens e suas Tecnologias pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Ibirubá. Policial Militar e Diretor do Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Ijuí.

² Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Farroupilha.

³ Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Ibirubá.

1 Introdução

O ensino, de modo geral, tem enfrentado dificuldades para acompanhar as transformações que o mundo moderno vem impondo. Como consequências visíveis estão o descrédito nos sistemas escolares e o baixo rendimento dos jovens – analisado a partir de avaliações externas como o exame nacional do ensino médio (ENEM) e a prova Brasil.

Historicamente, o professor centraliza de forma vertical as metodologias desenvolvidas com as aulas expositivas. Porém, nem sempre os alunos conseguem acompanhar o raciocínio dos seus mestres. Existiriam outras formas de ensinar? Sabemos que é preciso inovar e incorporar no cenário das salas de aula aquilo que é mais atrativo, mas o que e como fazê-lo? Uma das alternativas está na mudança do formato das aulas, que podem ser menos expositivas e mais participativas.

A revolução das tecnologias digitais trouxe componentes novos à relação professor-aluno. A inquietude das crianças e principalmente dos adolescentes poderá ter contrapontos a partir dessa nova concepção. Hoje, o aluno sente necessidade de protagonizar a sua aprendizagem e participar da construção coletiva do conhecimento em sala de aula.

Muitas dificuldades são encontradas perante os novos tempos. A forma como o conhecimento é produzido e divulgado mudou, tornando-se mais dinâmica e acessível, porém, o ambiente escolar continua preso as mesmas estruturas organizacionais, sendo cada vez mais desafiado a encontrar soluções para a atualização da escola e do ensino.

Esta pesquisa propôs aprofundar os conhecimentos sobre o ensino híbrido, respondendo como ele pode proporcionar mudanças de posturas e melhor ambiente escolar onde professores e alunos se sintam motivados. Não se trata apenas de uma forma diferente, mas de métodos que impactam nas ações de ensinar e de aprender, respectivamente. Existem publicações (CHRISTENSEN, 2013; HORN; STAKER, 2015; BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015) que ratificam a aplicabilidade do ensino híbrido tanto no Brasil como em outros países por diferentes modelos.

Este estudo busca responder a seguinte questão norteadora: “o que” o ensino híbrido, por meio de seus modelos, traz em favor da aprendizagem e aprimoramento do ensino médio? Inicialmente procurou-se compreender “o porquê” de um ensino híbrido e, posteriormente, “como” implantar essa forma de ensino. Para tanto, fez-se necessário

encontrar respostas ao principal objetivo: *o que deve ser levado em consideração para o emprego do ensino híbrido em determinado contexto (escola, alunos, turma), bem como, quais modelos de ensino híbrido podem ser aplicados no ensino médio, considerando-se as estruturas atuais das escolas públicas.*

Desse modo, em busca de respostas, abordamos nas próximas seções as noções fundamentais para implementar o ensino híbrido; os modelos de ensino híbrido; a hibridização para o ensino médio com as estruturas existentes nas escolas públicas; e o planejamento do ensino híbrido nesse contexto.

2 O ensino híbrido: mudança e protagonismo

É necessário repensar as práticas pedagógicas tradicionais que definiam o professor como principal detentor do conhecimento e único capaz de transferi-lo aos alunos, os quais dependiam, quase inteiramente, do mestre, para acessar a informação. Com a rede mundial de computadores, é possível aprender em qualquer lugar, tempo e forma. Os múltiplos espaços do cotidiano vão além do recinto da sala de aula. É preciso entender o hibridismo em constantes mutações. Portanto, “para abrir a escola para o mundo e para trazer o mundo para dentro da escola” (MORAN, 2015, p. 16) é fundamental que se utilize dessa mescla entre sala de aula e ambientes virtuais.

O uso de tecnologias é notório em praticamente todos os segmentos e a inserção nas escolas é inevitável como forma de despertar o interesse dos alunos para o fim desejado pelo professor em sala de aula. Para isso, é preciso ressignificar concepções. Uma das alternativas está na mudança do formato das aulas, passando a ser menos expositivas e mais participativas, em que o ensinar controlado exclusivamente pelo professor deixa de ser o único caminho. Essa mudança pode ser implementada na escola por meio da introdução dos modelos de ensino híbrido.

Ensino híbrido é todo “programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou o ritmo” (HORN; STAKER, 2015, p. 34). A tecnologia deixa de ser usada apenas como ferramenta digital pelo ponto de vista do

professor. O aluno troca a condição de espectador pela posição de participante, envolvendo-se ativamente nas atividades propostas e tornando-se protagonista de sua aprendizagem.

O estudo de Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) revela que, em circunstâncias nas quais alguns alunos acompanham as aulas e outros não, o ensino híbrido tem se mostrado fértil para a criatividade do professor ao empregar diversas formas de ensinar, misturando várias formas de troca de conhecimentos num único contexto.

Nesse sentido, Schneider (2015), ao discutir o protagonismo do aluno nas ações em que está envolvido nos modelos de ensino híbrido, enfatiza o desenvolvimento da autonomia do estudante nos diferentes contextos, passando de mero espectador à protagonista da aprendizagem, no que destaca:

[...] O interessante é que, muitas vezes, mesmo sem o professor direcionar, o trabalho em estações favorece a troca e os alunos se ajudam e trabalham colaborativamente. Outro fator a ser destacado é que o docente tem a oportunidade de acompanhar os estudantes e pode se dedicar mais àqueles que necessitam de explicações e auxílio [...] (SCHNEIDER, 2015, p. 65).

A partir dessa possibilidade de mudança na forma da condução da sala de aula, uns alunos colaboram com os outros, os estudantes passam à protagonizar suas ações e a desenvolver o pensamento crítico de forma participativa, e a aprendizagem passa a ser construída por meio de um processo equilibrado de elaboração coletiva, que não é uma tarefa simples. Para isso, é preciso planejamento e percepção aguçada para aproveitar métodos desenvolvidos em experiências exitosas.

Partindo-se do princípio que cada estudante tem o seu ritmo para aprender, e níveis de desenvolvimento cognitivo distintos uns dos outros, ao se falar em personalização do ensino, há necessidade de o professor centrar seu fazer pedagógico no aprendiz. Isso significa que as atividades a serem desenvolvidas devem considerar o que o aluno está aprendendo, suas necessidades, dificuldades e evolução (SCHNEIDER, 2015, p. 69).

Esse ponto importante – personalização do ensino – merece estudos específicos em futuras pesquisas, pois personalizar pode ser vista como uma das formas mais aprofundadas das metodologias ativas na hibridização tendo o aluno como centro do ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Horn e Staker (2015) destacam a rotação individual como modelo de ensino

híbrido, em que é possível empregar modalidades personalizadas à necessidade dos alunos e prepará-los para a vida em sociedade.

O ensino híbrido favorece o exercício do trabalho em equipe com responsabilidades individuais dentro de um grupo, bem como a capacitação para o mercado de trabalho cada vez mais concorrido. Especialmente por sua ênfase na autonomia. Esses são alguns dos pontos que o ensino tradicional muitas vezes não atende. Assim, é preciso que o professor esteja aberto às mudanças e às demandas da sociedade contemporânea e de seus alunos.

Para Andrade e Souza (2016), o ensino híbrido, ou *Blended Learning*, em que *blend*, na língua inglesa, significa combinar, misturar, ou seja, um modelo de ensino e aprendizagem que combina ensino presencial (tradicional) e ensino pela internet (*e-learning*) surge como uma das possibilidades para atender as demandas socioeducacionais atuais. Já Schiehl e Gasparini (2017, p. 1), destacam que o ensino híbrido é “um modelo de educação formal que se caracteriza por mesclar dois modos de ensino: o de forma tradicional e o on-line, valorizando também a interação e o aprendizado coletivo e colaborativo”. Ou seja, o modelo integra tecnologias digitais ao ensino por meio do qual o estudante aprende na sala de aula e, também, conectado por meios eletrônicos ou trabalhos em equipes, possibilitando algum elemento de controle sobre o tempo e o ritmo do aprendizado. Essa tendência para a educação permite que o professor obtenha informações individualizadas sobre o desempenho dos alunos e consiga agir com maior eficiência nas necessidades de aprendizagem com maior rapidez.

A integração de diferentes formas de ensino, combinando estudos presenciais com ferramentas digitais, possibilita que o processo de aprendizagem se desenvolva com naturalidade, promovendo maior interesse e envolvimento do aluno. Partindo da premissa de que não existe uma única forma de aprender, o ensino híbrido está enraizado em um processo contínuo de valorizar a colaboração e o protagonismo do estudante. Assim, o professor poderá direcionar melhor os estudos de seus alunos ao possibilitar a utilização de variados meios para transformar a informação em conhecimento.

Inúmeros paradigmas precisam ser quebrados para que se consiga inovar nesse processo e introduzir as novas tecnologias na escola é desafiador, contudo, é necessário, primeiro, repensar as concepções de ensino e aprendizagem, bem como o papel do professor e do educando nesse processo. Os padrões nos quais o aluno deve “ouvir” e “reproduzir” aquilo

que manda o professor precisam ser mudados (SONNEWEND, 2017). As preocupações em valorizar a centralização do ensino no aluno e suas ações passam pela criatividade do professor em propiciar espaços interativos, trocas de conhecimento e o uso das tecnologias digitais. A iniciativa e a interatividade são indícios de que o protagonismo se desenvolve dentre os alunos. Trabalhar em cooperação não significa necessariamente aprender em grupo. É nesse ponto que as tecnologias podem auxiliar o aluno possibilitando sua orientação individualizada por parte do professor (LIMA; MOURA, 2015).

O aluno é o centro das atenções. Valorizar o seu protagonismo significa que se faz necessário despertar nele a criatividade, interatividade e iniciativa visando potencializar sua aprendizagem. Para isso, o primeiro passo é planejar roteiros personalizados, em que o professor traça caminhos para alcançar os objetivos previamente estabelecidos.

O ensino híbrido se diferencia do tradicional não apenas por priorizar a incorporação das tecnologias, mas seu principal diferencial e, conseqüentemente, a sua principal contribuição no sentido de aprimorar o ensino e a aprendizagem, está no posicionamento por ele conferido aos educandos. Por demandar muito mais autonomia e trabalho, o ensino híbrido pode provocar uma mudança da postura passiva, na qual o estudante se senta na cadeira e fica esperando receber o conhecimento do professor, para uma postura ativa, na qual ele se sente corresponsável pelo processo de construção do conhecimento. Essa mudança de papéis não ocorre de forma facilitada nem para o professor e nem para o aluno, pois implica em mudanças mais profundas, incluindo novas formas de planejamento, avaliação, organização dos espaços educativos, etc. Possivelmente, o mais desafiador seja fazer com que o aluno se sinta comprometido e autor do seu próprio crescimento intelectual. Nem todos os estudantes estão prontos para receber essa responsabilidade. Nesse percurso, vislumbramos inúmeros desafios, individuais e coletivos, uma vez que a autonomia exigida deve ser consoante com as capacidades e habilidades dos diferentes indivíduos e grupos.

Ao contrário do que se teme, deixar de ser o centro no processo de ensino-aprendizagem não tira do professor a autoridade e as responsabilidades pela conjuntura desse segmento metodológico, uma vez que ele passa a ser o mediador das ações dos alunos, podendo dedicar maior atenção àqueles com maiores dificuldades na aprendizagem. Os estudantes protagonistas serão desafiados a aprofundar as suas experiências, explorando cada vez mais o seu potencial e as suas curiosidades através da pesquisa, desenvolvimento

de projetos e uso das tecnologias, o que só será viável por meio de um planejamento adequado com objetivos claros e com acompanhamento de seus processos e resultados.

Moran (2013) ressalta em seus estudos que, em educação, não existe uma só proposta ou o melhor caminho. Cabe fazer escolhas por modelos flexíveis com desafios, projetos reais e informações contextualizadas. É o que desenvolveremos a seguir sobre como implantar o ensino híbrido nas escolas públicas de ensino médio.

2.1 Modelos de ensino híbrido

Existem publicações que reiteram a existência do ensino híbrido tanto no mundo como no Brasil, mas a aplicação na forma mais adequada depende do planejamento ao considerar a escola como um todo. Para Schiehl e Gasparini (2017), nos últimos anos, o número de trabalhos envolvendo os modelos híbridos de ensino apresentam relevância no cenário mundial com maior volume e continuidade de experimentos sobre o assunto. O que se complementa como a “[...] nova proposta de ensinar e aprender está diretamente relacionada às propostas educacionais do novo século” (ANDRADE; SOUZA, 2016, p. 4).

O Instituto Christensen mantém um banco de dados com informações sobre programas híbridos no mundo todo, o diretório *Blended Learning Universe* (BLU), onde podem ser realizadas pesquisas por modelo e outros aspectos, bem como registrar experiências vivenciadas e adotadas por escolas e professores. Para isso, basta acessar o site <<https://www.blendedlearning.org/>> e confirmar a incidência de escolas desenvolvendo modelos híbridos (HORN; STAKER, 2015). Acreditamos que muitas experiências de ensino híbrido já vêm ocorrendo nas escolas públicas brasileiras, porém, sem divulgação, essas acabam não recebendo o merecido reconhecimento e visibilidade.

Essas práticas têm fundamentos em situações nas quais ocorre a combinação do novo (conectado) com o ensino tradicional e em outras nas quais o tradicional é deixado de lado e tudo que se apresenta é algo inovador. Estamos falando dos modelos sustentados e dos modelos disruptivos de ensino. Nos modelos sustentados é combinado o método utilizado na aula tradicional com as tecnologias on-line. Já a opção disruptiva se consolida ao empregar o ensino pela rede de computadores em novas ações que o afastem da sala de aula tradicional.

Em outras palavras, Moran (2015) destaca que a proposta pelas mudanças progressivas ou profundas é que definirá o caminho a ser escolhido pelas escolas:

[...] No caminho mais suave, elas mantêm o modelo curricular predominante – disciplinar – mas priorizam o envolvimento maior do aluno, com metodologias ativas como o ensino por projetos de forma mais interdisciplinar, o ensino híbrido ou *blended* e a sala de aula invertida. Outras instituições propõem modelos mais inovadores, disruptivos, sem disciplinas, que redesenham o projeto, os espaços físicos, as metodologias, baseadas em atividades, desafios, problemas, jogos e onde cada aluno aprende no seu próprio ritmo e necessidade e também aprende com os outros em grupos e projetos, com supervisão de professores orientadores. (MORAN, 2015, p. 29)

São encontradas denominações diversas para essas construções metodológicas. O estudo de Horn e Staker (2015) revela que a hibridização do ensino, iniciada na educação básica norte-americana e que vem se consolidando em outros países, inclusive no Brasil, pode ser enquadrada em quatro modelos principais: Rotação, Flex, À La Carte e Virtual Enriquecido, os quais grifamos e descrevemos abaixo.

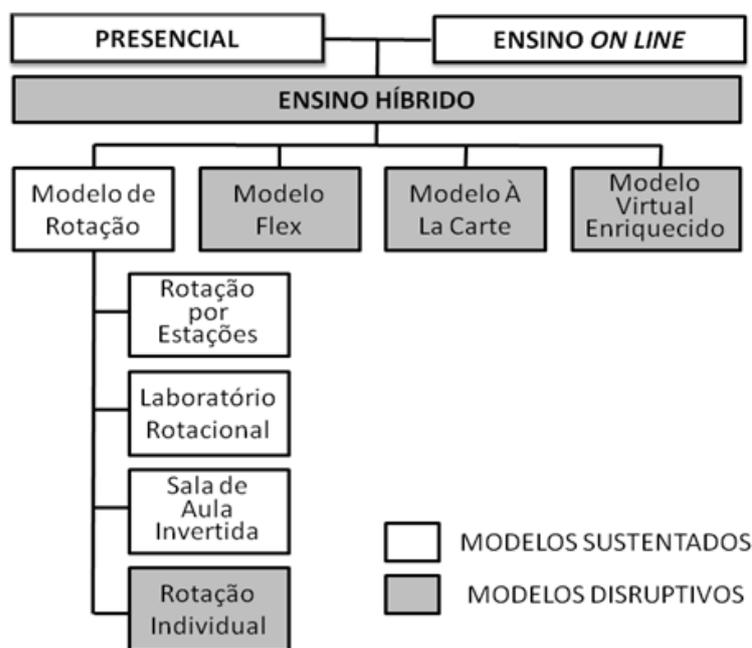


Figura 1. Modelos de ensino híbrido
 Fonte: Horn e Staker(2015, p. 38).

O Modelo de Rotação é aquele em que os alunos revezam entre modalidades de ensino, em um roteiro fixo ou a critério do professor, sendo que pelo menos uma modalidade

de aprendizagem é através da internet. Percorrer estações não é novidade, como destacam Horn e Staker (2015, p. 38), “os professores têm rotacionado grupo de estudantes entre as tarefas por décadas, predominantemente, no ensino fundamental. O novo elemento é que o ensino on-line agora é parte do ciclo”. Esse é o diferencial. As demais estações podem incluir atividades como as lições em grupos pequenos ou turmas completas, trabalhos em grupo, tutoria individual e tarefas escritas.

Nesse modelo, as atividades são desenvolvidas principalmente na escola, com tarefas na presença ou não do professor e podem acontecer de acordo com as propostas de rotação por estações, laboratório rotacional, sala de aula invertida e rotação individual, as quais apresentam características distintas:

a) Rotação por Estações(de turmas ou em classe): é o modelo no qual os alunos se revezam dentro do ambiente de uma ou em um grupo de salas de aula, permitindo que circulem pelas estações em horário fixo previamente estabelecido pelo professor ou por meio eletrônico.

Os alunos são organizados em grupos, como enfatizam Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), cada um realizando uma tarefa. Esses grupos circulam por todas as estações de acordo com a proposta e os objetivos do professor para aquela aula, a qual não necessariamente é sequencial, mas, as tarefas devem funcionar de forma integrada para que, ao final, todos tenham tido a oportunidade de ter acesso aos mesmos conteúdos.



Figura 2. Modelo de rotação por estações
Fonte: Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2016).

Enquanto os estudantes estão envolvidos em atividades no computador, ou exercitando a autonomia e o trabalho colaborativo, o professor (monitor) flutua entre as

estações, o que possibilita conhecer e melhor avaliar as necessidades individuais. Permitindo, assim, que o professor personalize a sua aula num grau muito maior que a aula tradicional.

b) Laboratório Rotacional: proposta na qual a rotação ocorre entre a sala de aula e um laboratório de informática. Este é usado há tempo, mas a diferença fundamental está em integrar o tempo conectado, com o tempo em sala de aula de forma contínua, como destacam Horn e Staker (2015).

Os alunos circulam pelas estações em uma programação fixa que possibilita arranjos flexíveis a partir da organização realizada pelo professor. Assim, libera-se o tempo dos professores e o espaço da sala de aula, usando o laboratório de informática e uma estrutura de pessoal diferente para os componentes on-line. No laboratório os alunos conectados realizam e aprofundam as suas atividades, de forma individual, exercitando a autonomia e podem ser acompanhados por um monitor.

Esse modelo pode envolver mais profissionais da escola, inclusive abrangendo mais de uma turma e as atividades compartilhadas pelos professores. A proposta presencial se mantém, tendo os estudos pela internet como inovação ativa pelo aluno. Bacich e colaboradores (2015, p. 55) defendem que outros ambientes “frequentemente aumentam a eficiência operacional e facilitam o aprendizado personalizado, mas não substituem o foco nas lições tradicionais em sala de aula”.



Figura 3. Modelo de laboratório rotacional
 Fonte: Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2016).

O laboratório rotacional difere do modelo anterior porque a estação on-line ocorre no laboratório de informática, onde os alunos são acompanhados por um monitor, enquanto naquele todas as estações são em sala de aula acompanhadas pelo professor da turma.

c) *Sala de Aula Invertida*: propõe que a rotação ocorra entre a prática supervisionada presencial pelo professor na escola e o estudo das lições na rede mundial de computadores realizado antecipadamente pelo aluno em casa. Na sala de aula, ocorrem discussões e resoluções de atividades.



Figura 4. Modelo de Sala de Aula Invertida
 Fonte: Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2016).

Nesse modelo, os alunos chegam à sala sabendo o que vão estudar e com a compreensão básica dos conteúdos. O período de sala de aula, como se posicionam Horn e Staker (2015; p. 43), torna-se um tempo de aprendizagem ativa pelo aluno e que “milhares de estudos de pesquisa sobre aprendizagem indicam ser mais eficaz do que a aprendizagem passiva”.

d) *Rotação Individual*: difere das outras propostas de rotação porque, em essência, cada aluno tem um roteiro individualizado e, não necessariamente, participa de todas as estações ou modalidades disponíveis. As dificuldades ou facilidades encontradas é que definirão o planejamento do caminho a ser percorrido pelo estudante, ou seja, a programação terá objetivos propostos para o percurso de cada aluno dependendo do conhecimento prévio e forma como melhor aprende.



Figura 5. Modelo de rotação individual
Fonte: Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2016).

Estudos demonstram que não há uma estratégia fixa de ensino híbrido nesse modelo, tudo vai depender do planejamento estabelecido pela escola e seus professores: os estudantes são colocados como protagonistas, no controle de seu aprendizado a maior parte do tempo dentro do próprio ritmo. (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015).

Os modelos apresentados até aqui, de acordo com Bacich (2016), são aplicados no Brasil por serem adaptados melhor à realidade estrutural das escolas sem que demandem grandes mudanças e permitem, inclusive, que ocorram variações sem a obrigatoriedade da dependência dos recursos tecnológicos. Destacamos, ainda, que existem modelos, dentre os propostos por Horn e Stacker (2015), que têm como principal caminho o ensino on-line e são desenvolvidos em países como os Estados Unidos, mas haveria dificuldades de serem implementados em nosso país, já que nem sempre há infraestrutura e investimentos necessários, especialmente nas escolas públicas. Esses modelos são: o modelo À La Carte, o modelo Flex e o modelo Virtual Enriquecido.

O modelo Flex, ilustrado na figura 6, assim como a rotação individual e os seguintes, é um dos modelos disruptivos do ensino híbrido. Opera em ambientes chamados estúdios de aprendizagem. Não há divisão por ano ou série e estudantes com idades diferentes têm oportunidade de aprender juntos. O ensino on-line é a espinha dorsal do aprendizado e direciona para atividades presenciais em alguns momentos em razão da maior flexibilidade nos roteiros, local e ritmo de aprendizagem dos alunos.



Figura 6. Modelo de Sala Flex
 Fonte: Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2016).

Esse modelo é adaptável às disciplinas curriculares das escolas, atendendo desistentes e não consumidores da educação tradicional. Os planos de aula são baseados nas necessidades dos estudantes e o professor tem papel de tutor presencial, garantindo o ensino personalizado. (HORN; STAKER, 2015).

O modelo À La Carte, ilustrado na figura 7, é aquele em que os alunos participam de um ou mais cursos ou disciplina inteiramente pela rede de computadores, com um professor tutor responsável on-line e, ao mesmo tempo, continuam a ter experiências educacionais em aulas tradicionais.



Figura 7. Modelo à La Carte
 Fonte: Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2016).

Por ter o professor tutor on-line, o modelo à La Carte difere do modelo Flex em que o tutor é professor presencial.

O modelo Virtual Enriquecido, ilustrado na figura 8, é uma experiência de escola integral na qual, dentro de cada aula, os alunos dividem seu tempo entre o espaço escolar e

o aprendizado com acesso aos conteúdos pela rede mundial de computadores. Esse modelo propõe uma organização de escola não comum, porque o ensino dos conteúdos totalmente no computador por meio da internet, enquanto em sala de aula apenas ocorre a suplementação como forma de personalização dada a cada estudante.



Figura 8. Modelo virtual enriquecido
Fonte: Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2016).

Diferente da Sala de Aula Invertida e dos cursos totalmente on-line, esse modelo não exige aulas presenciais diárias, mas essas são obrigatórias uma ou duas vezes por semana com o professor da disciplina, que também atua conectado.

Os argumentos do *Clayton Christensen Institute* (2013) são de que os modelos de Rotação por Estações, Laboratório Rotacional e Sala de Aula Invertida podem ser efetivados sem grandes mudanças na alocação de recursos e outros processos já estabelecidos em uma escola. Isso porque todos são de natureza sustentada, pois cada um deles introduz uma solução híbrida que combina a sala de aula tradicional com tecnologias e o ensino on-line, para oportunizar melhor desempenho aos alunos, de acordo com a definição inicial. Por outro lado, os modelos Flex, À La Carte e Virtual Enriquecido, assim como o modelo de Rotação Individual, têm o potencial de serem disruptivos em relação à sala de aula tradicional e representam instâncias de ensino on-line com a adição de rotinas e componentes físicos, geralmente vistos como diferentes do padrão híbrido anterior, pelas características inovadoras em que são desenvolvidos (CHISTENSEN; HORN; STAKER, 2013).

Assim, de posse das peculiaridades de cada modelo, para pôr em prática o ensino híbrido no ambiente escolar onde estamos desenvolvendo nossas atividades é preciso definir

o que queremos: inovações disruptivas ou hibridizar sustentados na base do que temos? Para tanto, faz-se necessário compreender qual modelo melhor se adéqua à realidade da escola, reconhecendo que existem limitações de estruturas, principalmente nas escolas públicas.

2.2 A hibridização no ensino médio em escolas públicas brasileiras

Iniciamos esta seção distinguindo dois importantes termos encontrados nos dispositivos legais: “educação” e “ensino”. Em definição, a educação envolve as ações da família, da sociedade e do Estado, enquanto o ensino está ligado às atividades desenvolvidas pelas escolas na relação alunos-professores. A primeira é ampla, tendo o ensino como um dos seus processos para preparar os jovens para os desafios da vida. O que poderia trazer certa confusão, já que alguns dispositivos legais trazem educação no sentido de ensino. (BRASIL, Constituição Federal de 1988).

Direito fundamental da humanidade, a educação no Brasil é regulada a partir da previsão constitucional de que é dever do Estado promover o acesso à educação para todos com igualdade de condições e permanência de forma gratuita, respeitando o pluralismo de ideias e a liberdade de aprender. O ensino médio, assim como as demais etapas à disposição do cidadão brasileiro, tem sua regulação pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a qual traz recentes modificações substanciais para essa fase final da educação básica (BRASIL, Lei 9.394/96, art. 35 e 36).

Dentre as novidades da LDBEN está a reelaboração de currículos por itinerários formativos, ajustando-se às preferências dos estudantes e seus projetos de vida, sendo eles protagonistas desse processo. Essas alterações são previstas para todas as escolas brasileiras até 2022. Embora num primeiro momento se apresentem sem participação da sociedade, nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul, estão sendo postas à opinião das comunidades escolares. Tal proposta vem ao encontro de teorias sobre o hibridismo no ensino como tratam Horn e Staker (2015) em relação a autonomia do aluno. Esse é justamente um ponto contraditório do debate, pois, ao mesmo tempo em que queremos alunos autônomos, nos perguntamos até que ponto eles têm maturidade para fazer as escolhas formativas. Os caminhos por si só, à primeira vista, são positivas: o problema é quando se priorizam determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras, o que pode limitar a carga

horária para disciplinas formativas de áreas como as humanas, tão importantes para a constituição cidadã dos estudantes e para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Do mesmo modo, o ensino a distância (EAD), já realidade na educação superior, tem previsão de novos espaços, também atingindo o ensino médio regular, conforme regulamentação estabelecida pelo Decreto nº 9.057 (BRASIL, 2017, art. 8º). Essa modalidade de ensino – EAD – presume o uso das tecnologias, o que favorece a implantação do ensino híbrido para as escolas de ensino médio, restando uma expectativa de como estados e municípios colocarão em prática a novidade. Essa dependência de fatores tecnológicos pode ser vista como um fator negativo. Embora as tecnologias da informação e comunicação (TICs) estejam presentes em escolas públicas no Brasil e vistas como potencializadoras do processo de ensino-aprendizagem, muitos desses educandários ainda não possuem estrutura mínima condizente com esse tipo de demanda.

Além disso, é importante lembrar que nessas escolas os alunos são oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo, maior parcela da população nacional, bem como são recorrentes as dificuldades de acesso aos meios eletrônicos e internet, tão necessários aos estudos dentro e fora do ambiente escolar. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – através da pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua demonstrou que no quarto trimestre de 2017 apenas quarenta e um por cento (41%) da população rural brasileira tem acesso à internet.

A concepção de ensino híbrido, implementado em muitas escolas americanas, como destacam Horn e Staker (2015), tem a premissa básica de que, pelo menos, parte do processo aconteça pelo ensino através da internet, possibilitando maior protagonismo ao estudante. No entanto, a realidade brasileira é diferente da americana, sendo marcada por diversas carências como falta de equipamentos e acessos à rede mundial de computadores, as quais inviabilizam as tarefas on-line nos educandários públicos brasileiros. Sendo assim, não se teria como falar em implementar o ensino híbrido, a não ser que houvesse alternativas híbridas sem o uso das tecnologias. Bacich (2016) salienta que essa dependência seria motivo de exclusão e até desistência de algumas escolas. Ao contrário do que se acredita, a autora afirma que é preciso adaptar o ensino híbrido em nosso país em razão das dificuldades de acesso à internet. Segundo ela, é preciso usar a criatividade e os recursos disponíveis, mostrando aos professores que não existe uma única forma de aprender. Combinar

estratégias pode ser o caminho. Sem acesso ao computador e, por conseguinte à internet, é possível organizar uma mesa redonda com debates, valorizando a autonomia do aluno. Mas, tendo os equipamentos sem conexão à rede mundial de computadores, é concebível gravar e editar livros. É natural que interesses ou curiosidades aflorem quando o aluno tenha várias opções no ambiente escolar.

O ensino híbrido permite que o professor obtenha informações individualizadas sobre o desempenho dos alunos e consiga agir com maior eficiência nas necessidades de aprendizado. Dessa forma, é possível o uso de recursos que auxiliam o professor a elaborar diferentes estratégias de acordo com as necessidades de seus alunos, favorecendo a personalização do ensino.

O desafio de efetivar inovações é grande em todas as etapas do ensino regular, pois mexe com costumes e vícios históricos nos ambientes escolares. Entretanto, a quebra de paradigmas em busca de novas expectativas se faz necessária. Nas séries iniciais, ou na tenra idade, aparentemente, há maior facilidade de implementação do ensino híbrido, com registros de aproximadamente mil propostas, incluindo as brasileiras, em execução pelo diretório BLU do Instituto Christensen. Não se pode dizer o mesmo em relação ao ensino médio, que com suas especificidades, tende a manter-se tradicional.

Nesse cenário, é preciso planejar o emprego de um ou a combinação de métodos inovadores como os do ensino híbrido. Torna-se mais desafiador para o professor, mas é possível acontecer como o desenvolvido por Schneider (2015) com a colaboração da professora Lisiane César de Oliveira, no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus de Ibirubá (IFRS-Ibirubá), para os alunos do segundo ano do curso técnico em informática com a modalidade de Rotação Laboratorial.

A título de exemplificação, na tarefa proposta os alunos deveriam: 1. Ouvir uma música em inglês, quantas vezes fosse necessário; 2. Destacar as palavras-chave, procurando seu significado, caso fosse necessário, e compreendendo o sentido no contexto; 3. Procurar palavras desconhecidas no dicionário – caso fosse necessário; 4. Estação extra: Ler textos em inglês (revistas) para que as duplas ou grupos que concluíssem a tarefa.

Outro exemplo de uso dos recursos tecnológicos em escolas públicas é a realização de atividades parte em sala de aula e parte no laboratório de informática. A utilização das ferramentas on-line permite que as práticas sejam organizadas em

diferentes níveis de acordo com as necessidades dos estudantes. Seerig (2018, p. 93), ao perceber economia de tempo para avançar nas atividades, infere que a tecnologia ajuda os alunos a “se sentirem mais seguros diante de um longo texto”. Essa segurança está relacionada à autonomia do aluno, que se mostra colaborativo diante de um espaço de ensino-aprendizagem mais envolvente.

Apresentadas as noções fundamentais sobre o ensino híbrido, modelos e conceitos envolvendo a sua aplicação no ensino médio, abordamos, na próxima seção, um último aspecto essencial para a proposta: o planejamento.

2.3 Planejamento

O planejamento prepara a execução. Todos os segmentos da escola precisam ser envolvidos na implantação de novos métodos, como é o ensino híbrido. Planejar considerando a realidade da escola, identificando e estabelecendo objetivos, metas e definindo responsabilidades, é fundamental. Necessidades e expectativas dos alunos são o ponto de partida para organizar as mudanças. Horn e Staker (2015) apontam a importância de ver a escola pela expectativa dos alunos, reconhecendo as suas ansiedades e motivações como centro do processo. Posteriormente, a equipe escolar precisa investir no próprio conhecer através da formação e qualificação, com a participação de todos, para sair da cultura tradicional ao novo universo hibridizado.

Ainda, segundo Horn e Staker (2015, p. 214), é importante levar em consideração, dentre outros aspectos, as respostas às perguntas: “1) Que problema está tentando resolver? 2) Que escola desejamos ser? 3) Que tipo de equipe se precisa para resolver esse problema?”. Canattá (2015, p. 167) acresce aos questionamentos “[...] que tipo de professores somos, e quais poderemos ser?”. Complementando esse rol de questões, é preciso saber de onde virá o financiamento para possíveis mudanças, bem como, qual é a cultura atual e a desejada pela escola?

O planejamento, segundo Bacich (2016), também deve contemplar de forma clara como a aprendizagem será efetivada e avaliada, a fim de que os alunos possam demonstrar o que aprenderam, aonde chegaram e quais objetivos foram atingidos, o que possibilita ao professor as análises e adequações necessárias as suas aulas.

Ainda, a implementação pode ser mais fácil em algumas disciplinas do que outras, além de ser difícil para um professor iniciar no ensino híbrido isoladamente em sua escola. Não há hierarquia entre os modelos, portanto não há uma ordem estabelecida para a sua aplicação em sala de aula (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015). Experimentar alternativas no projeto possibilita avaliar e melhorar tanto o planejamento quanto a prática do ensino híbrido. Iniciar pelo desenvolvimento da interdisciplinaridade como dinâmica nas escolas é uma alternativa inovadora que pode facilitar os primeiros passos para uma futura transição ao ensino híbrido ou à personalização na educação.

A possibilidade de misturar saberes e valores integrando várias áreas do conhecimento exige que o desafio seja “abraçado” por todos os envolvidos, em especial, pela direção da escola e pela coordenação pedagógica. Ambos os segmentos, além de dominar a proposição com estudos prévios, têm a responsabilidade de motivar os professores e demais integrantes sobre a importância de todos no processo. Assim, desde sua concepção, o projeto precisa ter um planejamento em conjunto, estimulando a colaboração entre os profissionais da instituição a dividir a carga de trabalho, fortalecendo o aprendizado em equipe e evitando que a responsabilidade de desenvolver o ensino híbrido fique para uma só pessoa.

Várias dimensões, como: pessoas, dispositivos, conteúdos, instalações e cultura influenciam no planejamento da escola para definir pelo modelo de ensino híbrido ou a combinação entre eles. Nesse sentido, no Quadro 1, sistematizamos, a partir das referências citadas nesse trabalho, algumas informações que podem auxiliar na implantação desse modelo no ensino médio.

Modelos	Papel principal do professor	Papel do aluno	O aluno controla seu ritmo e caminho	Ambiente de ensino-aprendizagem	Equipamentos disponíveis e conectados
Rotação por estações	Fixar objetivos; Transmissão de conteúdos presencial	Assistir vídeos, fazer/participar de pesquisas, registros, práticas, debates e produção	Na estação on-line	Salas de aulas existentes	Suficientes para uma fração de alunos
Laboratório rotacional	Fixar objetivos; Transmissão de conteúdos presencial	Visita virtual, fazer leituras, análises, produção e	Autônomo no laboratório, on-line, com tutoria	Salas de aulas existentes e um laboratório de informática	Suficientes para uma fração de alunos

		relação com conteúdos			
Sala de aula invertida	Tutoria presencial, orientação e suplementar às lições on-line	Investigar, fazer análise e participar de discussão (professor e colegas), produzir texto	Estudos on-line, em casa	Salas de aulas existentes	Para todos os alunos. Uso em aula e em casa ou após a escola
Rotação individual	Tutoria presencial, orientação e suplementar às lições on-line	Pesquisa: identificar, comparar, propor discussão, análise crítica e explicação	Roteiro individual personalizado por suas dificuldades	Espaço único, grande e aberto	Para todos os alunos
Flex	Tutoria presencial, orientação e suplementar on-line	Tarefas on-line, leitura crítica, argumentação, debate	Flexível e personalizado	Espaço amplo e adaptável	Para todos os alunos
À La Carte	Atuação on-line	Curso completo on-line + escola tradicional	Personalizado e flexível, além de controle no tempo e lugar	Adaptável a qualquer ambiente	Individual. Uso em aula ou em casa
Virtual enriquecido	Tutoria presencial, orientação e suplementar às lições on-line	Sessões presenciais + restante dos estudos on-line	Flexível (mesmo anterior), aulas presenciais obrigatórias	Espaço grande e aberto, adicional ao on-line	Para todos os alunos. Uso aula e após a escola
Papel da direção e da coordenação pedagógica da escola 1. Identificar e estabelecer objetivos, metas e definir responsabilidades; 2. Mobilizar professores e alunos; 3. Apoiar, encorajar e facilitar esforços dos professores que promovam a autonomia dos alunos; 4. Agir proativamente na formação de equipes e capacitação dos professores; 5. Proporcionar o suporte e instalações adequadas às atividades.					

Quadro 1. Sistematização dos modelos de ensino híbrido
 Fonte: Os autores (2019).

Entendemos que, além das limitações tecnológicas, o planejamento possa ser um dos principais gargalos na implementação desses modelos, pois, por serem inovadores, demandam, no início, muito mais tempo de preparação do que as aulas tradicionais. Nessa estimativa, podemos contabilizar o tempo que os professores precisam para aprender sobre os modelos de ensino híbrido e aprender a planejar a partir dessa nova perspectiva. No começo, serão necessárias muitas horas de preparação, porém, como com qualquer aprendizagem, quanto mais for praticado, mais fácil se tornará o planejamento das aulas por meio do ensino híbrido. Depois que nos propomos a nos desprender das velhas práticas e a

nos familiarizar com os novos métodos, segundo Seerig (2018), as ferramentas on-line acabam economizando o nosso tempo, o que nos permite otimizá-lo para fornecer maior auxílio aos estudantes. Ao utilizar exercícios on-line, por exemplo, o professor, ao invés de corrigir manualmente as atividades, pode pesquisar novos materiais e recursos para qualificar mais a sua aula.

3 Considerações Finais

Encontrar soluções e atrativos para que os alunos se sintam motivados é o grande desafio deste século para escolas e professores. Como alternativa às aulas expositivas centradas no professor, surgiram inovações que invertem essa lógica e o protagonismo do aluno se estabelece pelo aprendizado colaborativo.

Visto como uma tendência na forma de ensino e aprendizagem, o ensino híbrido proporciona diferentes experiências aos estudantes, integrando o presencial com o on-line, e vem ganhando espaços maiores em estudos sobre as mudanças necessárias às escolas. O uso das ferramentas tecnológicas pelos alunos lhes propicia alguma forma de controle do seu tempo, roteiros e local em que estudam. Isso possibilita a troca da condição de espectador pela motivação de se tornar o protagonista da aprendizagem, desenvolvendo a sua autonomia em diferentes contextos, em especial, a autopercepção sobre a vida em sociedade e o pensamento crítico participativo, construídos através de processos de elaboração coletiva.

Assim, enraizado na ideia de que não existe uma única forma de aprender e que cada um tem o seu ritmo, o ensino híbrido por seus modelos – sustentados e disruptivos – coloca o aluno no centro de sua aprendizagem, no controle de suas ações, exercitando o trabalho em equipe com responsabilidades individuais e coletivas. Por outro lado, estudos, como o de Bacich, Tanzi Neto e Travizani (2015), revelam que o ensino híbrido tem se mostrado ambiente fértil para a criatividade do professor ao empregar diversos modos de ensinar, combinando várias formas de troca de conhecimentos num único contexto, mesmo sem o uso de internet, como estratégia para tornar a aula mais interessante.

Os modelos sustentados da hibridização no ensino (Rotação por Estações, Laboratório Rotacional e Sala de Aula Invertida) têm características comuns com planejamento conciliatórios na manutenção das estruturas já existentes, com preservação da sala de aula

tradicional acrescida de componentes tecnológicos facilitadores e potencializadores, além da criatividade em sala de aula. Diferentemente, os modelos disruptivos (Rotação Individual, Flex, À La Carte e Virtual Enriquecido) inovam ao quebrar as estruturas tradicionais tendo sua base no ensino on-line, ainda, pouco explorado no nosso país por requerem maiores investimentos.

O ensino médio tem características próprias, como a diversidade de professores para a mesma turma e conteúdos distribuídos por disciplinas, áreas ou itinerários formativos (regulados, mas ainda não posto em prática no Brasil). Sendo assim, empregar dinâmicas como a interdisciplinaridade e o compartilhamento de atividades entre os professores pode ser facilitador para a inserção do ensino híbrido nas escolas.

A situação brasileira evidencia que o acesso aos recursos tecnológicos está longe de ser alcançado em todas as escolas, especialmente nas públicas. Mas essas dificuldades podem ser superadas com inovação por parte dos operadores do ensino, ampliando as possibilidades do aluno exercitar as diversas formas de aprendizagem. Exemplos como os desenvolvidos nos Campus de Ibirubá e Bento Gonçalves do Instituto Federal do Rio Grande do Sul nos levam a acreditar que é possível prosperar o ensino híbrido, também, nas escolas públicas para o ensino médio, desde que tenhamos professores que não temem desafios e estejam abertos a romper padrões e superar barreiras.

Quando se trata de escolas públicas brasileiras, ainda que possam ser encontradas várias ações consideradas disruptivas, o mais natural é que se mantenham as características tradicionais e se desenvolvam as mesclas pelos modelos sustentados. No entanto, embora aparentemente estes sejam mais fáceis de serem efetivados, não existe um modelo que se encaixe em todas as escolas ou que os professores possam adotar sem considerar os alunos, conteúdos, cultura, dispositivos e instalações disponíveis. E, a partir daí, definem-se as estratégias sugeridas neste trabalho e que podem ser seguidas para implementação.

O bom planejamento considera a escola como um todo, identificando e estabelecendo objetivos, metas e definindo responsabilidades. Embora longe de ser uma tarefa simples, é possível personalizar o ensino centrado no aprendiz considerando que ele – o aluno – necessita aprender a partir de suas dificuldades e evoluções. Para entendimento sobre as mudanças que o ensino híbrido traz ao ambiente escolar é fundamental mobilizar e envolver

a todos, inclusive os alunos, nesse processo, possibilitando o empoderamento para as pessoas e aperfeiçoamento na organização.

Desse modo, em suma, a realidade de muitas escolas, especialmente as públicas, é a de que existem dificuldades para que as mudanças ocorram. Entre as principais, estão os investimentos que se fazem necessários na formação dos professores, aquisição de equipamentos, instalação e melhorias dos acessos à internet. Todavia, esses obstáculos podem ser propulsores na busca de avanços na qualidade de ensino. Para isso, é necessário acreditar no potencial das novas propostas, planejar e desenvolver metodologias inovadoras que fujam de aulas centradas no professor que propiciem novas formas de despertar o interesse e o protagonismo do aluno.

Referências

ANDRADE, M. C. F.; SOUZA, P. R. *Modelos de Rotação do Híbrido: estações de trabalho e sala de aula invertida*. Disponível em: <<http://etech.sc.senai.br/index.php/edicao01/article/view/773/425>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). *Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. *Modelos de ensino híbrido*. 2016 (8'35"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zPzam0ljjs>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

BACICH, L. *Ensino híbrido sem tecnologia é possível?* Infogeekie. Colunas. 2016. Disponível em: <<https://www.geekie.com.br/blog/ensino-hibrido-tecnologia/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

BACICH, L. Ensino Híbrido: personalização e tecnologias na educação. *Tecnologias, sociedade e conhecimento*, Campinas, v. 3, n. 1, dez. 2015. Disponível em: <<http://pan.nied.unicamp.br/ojs/index.php/tsc/article/viewFile/152/138>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, DF: MEC/CONSED/ UNDIME, [2016]. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 01 jan. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. 2017*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101631>>. Acesso em: 08 set. 2019.

BRASIL. Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira. *Exame nacional do ensino médio (ENEM)*. Disponível em: <<https://enem.inep.gov.br/>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Compilada. Atualização até a Lei n. 13.663, de 14 mai. 2018. Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF., 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 01 jan. 2019.

BRASIL. Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o plano nacional de educação – PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF., 26 jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 01 jan. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. *Novo ensino médio*. Disponível em: <<http://portal.educacao.rs.gov.br/novo-ensino-medio>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

CANNATÁ, V. Quando a inovação na sala de aula passa a ser um projeto escolar. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). *Ensino Híbrido: personalização e tecnologias na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 155-168.

CHRISTENSEN, C.; HORN, M.; STAKER, H. *Ensino Híbrido: uma inovação disruptiva?*. Uma introdução à teoria dos híbridos, 2013. Disponível em: <http://porvir.org/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2018.

HORN, M. B.; STAKER, H. *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

LIMA, L. H. F.; MOURA, F. R. O Professor no Ensino Híbrido. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). *Ensino Híbrido: personalização e tecnologias na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p.89-102.

MORAN, J. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). *Ensino Híbrido: personalização e tecnologias na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-46.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. *Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*, v. 2, n.1, p. 15-33. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2018.

PACIEVITCH, T. *Tecnologia da informação e comunicação*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

SCHIEHL, E. P.; GASPARINI, I. Modelos de ensino híbrido: um mapeamento sistemático da literatura. In: BRAZILIAN SYMPOSIUM ON COMPUTERS IN EDUCATION (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO-SBIE), 2017, Fortaleza, *Anais do XXVIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2017)*, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/7529/5325>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

SCHINEIDER, F. Otimizando o espaço escolar por meio do ensino híbrido: De mero expectador a protagonista da aprendizagem. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). *Ensino Híbrido: personalização e tecnologias na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 67-80.

SEERIG, E. Technological resources in the language classroom: managing time, levels and students' autonomy. *Revista LínguaTec*, Bento Gonçalves, v. 3, n. 1, p. 87-96, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/3061>>. Acesso em: 04 out. 2018.

SONNEWEND, B. *Especial: ensino híbrido – O que é?*. Geekie. Notícias. 2017. Disponível em: <<http://info.geekie.com.br/especial-ensino-hibrido/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

Data de submissão: 27/09/2019. Data de aprovação: 29/10/2019.